

Empreendedorismo Feminino: Desafios, Potencialidades e Impacto Social

Maria Manuela Teixeira

Universidade da Coruña | m.dacosta.teixeira@udc.es
<https://orcid.org/0000-0001-8089-534X>

Maria Elisete Martins Ferreira

ISLA-IPGT Vila Nova de Gaia – Portugal | elisete.martins@islagazia.pt
<https://orcid.org/0000-0002-1818-3517>

Resumo: Este estudo analisa o empreendedorismo feminino enquanto fenómeno económico e social com impacto crescente no contexto português. A partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, baseada em revisão sistemática da literatura segundo o protocolo PRISMA, investigam-se os principais fatores que motivam as mulheres a empreender, os obstáculos enfrentados e as implicações sociais do seu envolvimento em iniciativas empresariais. Os resultados revelam que, embora o empreendedorismo feminino seja impulsionado por fatores de oportunidade, como autonomia, autorrealização e flexibilidade, persistem barreiras estruturais como o acesso restrito a financiamento, redes de apoio limitadas e estereótipos de género. Adicionalmente, evidenciam-se especificidades do perfil das empreendedoras, como a resiliência, criatividade, empatia e forte orientação social. Em Portugal, apesar dos avanços em termos de políticas públicas e programas de incentivo, a desigualdade de género no ecossistema empreendedor ainda se reflete na sub-representação feminina em cargos de decisão e na limitação do crescimento dos negócios liderados por mulheres. Conclui-se que o empreendedorismo feminino contribui significativamente para a inclusão social, o desenvolvimento local e a promoção da equidade de género, sendo necessário reforçar estratégias públicas e culturais que eliminem os constrangimentos ainda existentes.

Palavras-chave: empreendedorismo feminino, igualdade de género, autonomia económica, inovação social, desenvolvimento local

Abstract: This study analyzes female entrepreneurship as an economic and social phenomenon with a growing impact in the Portuguese context. Using a qualitative and exploratory approach, grounded in a systematic literature review following the PRISMA protocol, it investigates the main factors that motivate women to undertake entrepreneurial activities, the obstacles they face, and the social implications of their engagement in business initiatives. The findings reveal that although female entrepreneurship is driven by opportunity factors such as autonomy, self-fulfillment, and flexibility, structural barriers persist, including restricted access to financing, limited support networks, and enduring gender stereotypes. Additionally, specific traits of women entrepreneurs emerge, such as resilience, creativity, empathy, and a strong social orientation. In Portugal, despite advances in public policies and support programs, gender inequality within the entrepreneurial

ecosystem is still reflected in women's underrepresentation in decision-making positions and in the limited growth of women-led businesses. It is concluded that female entrepreneurship contributes significantly to social inclusion, local development, and the promotion of gender equity, highlighting the need to strengthen public and cultural strategies to remove the existing constraints.

Keywords: female entrepreneurship, gender and work, equal opportunities, social impact

Introdução

O empreendedorismo constitui uma dimensão estratégica do desenvolvimento económico e social, assumindo particular relevância no contexto contemporâneo ao impulsionar inovação, geração de emprego e transformação cultural (Ratten & Jones, 2021). O empreendedorismo feminino, em especial, tem emergido como um campo de crescente interesse académico e político, não apenas pelo impacto económico, mas também pelo seu contributo para a inclusão social e a promoção da igualdade de género (Corrêa et al., 2022; Ojong, Simba & Dana, 2021).

Em Portugal, apesar do aumento da participação das mulheres em iniciativas empreendedoras, persistem barreiras estruturais como o acesso restrito a financiamento, redes de apoio limitadas e estereótipos de género que comprometem o crescimento e a consolidação dos negócios (Bernardino et al., 2018; et al., 2017). Ao mesmo tempo, evidenciam-se potencialidades associadas a competências femininas valorizadas no ecossistema empreendedor, como resiliência, criatividade, empatia e forte orientação social (Feria Hernández et al., 2024).

A literatura internacional destaca a necessidade de explorar de forma mais profunda as lacunas ainda pouco estudadas neste domínio, como o papel das políticas públicas, os impactos comunitários e culturais do empreendedorismo feminino e as suas dinâmicas em setores inovadores (Martins et al., 2024; Galvão, Ferreira & Marques, 2018).

Revisão da literatura

Características e Relevância Socioeconómica do Empreendedorismo Feminino

O empreendedorismo feminino configura-se como um campo de atuação caracterizado pela criação e gestão de negócios por mulheres. De acordo com (Amini, A. , Hoseini, SS , Haqbin, A. e Shahin, 2024), o perfil inteligente empreendedor feminino inclui intuição, inteligência social e cognitiva, *insights* provocativos, além de uma visão holística e capacidade para resolução criativa de problemas, competências que permitem uma inserção estratégica e eficaz em diversos contextos organizacionais.

A crescente valorização dos estudos dedicados ao empreendedorismo feminino está fortemente associada à intensificação da presença feminina no mercado de trabalho, como defendem (Hossain & Islam, 2024). Estes autores destacam que fatores como o acesso à educação, o apoio institucional e a capacitação empreendedora são determinantes para o fortalecimento da participação das mulheres em iniciativas empreendedoras, contribuindo para a sua autonomia económica e social. Essa inserção tem-se afirmado como um elemento

estruturante do crescimento económico e do desenvolvimento sustentável, sendo igualmente reconhecida como uma força motriz na redução da pobreza e na promoção de um crescimento inclusivo, orientado para o bem-estar social (Akybayeva et al., 2024).

A consolidação do empreendedorismo feminino enquanto domínio académico e prático não se explica apenas pelo aumento da participação das mulheres no tecido empresarial, mas também pelas contribuições singulares que as empreendedoras oferecem ao ecossistema económico. De acordo com (Akybayeva et al., 2024), o empreendedorismo feminino impulsiona o crescimento económico ao reforçar a complexidade produtiva, estimular as exportações e promover maior resiliência institucional, tanto em economias desenvolvidas como em desenvolvimento.

Neste mesmo sentido, (Al-Qahtani et al., 2022), destacam que as mulheres empreendedoras integram, com frequência, preocupações sociais e ambientais nos seus modelos de negócio, o que contribui para práticas empresariais mais sustentáveis, gera emprego e fortalece a sua autonomia financeira. Assim, o papel da mulher empreendedora assume-se como um vetor de desenvolvimento transversal e estratégico.

Com base numa análise do ecossistema empreendedor, (Huang et al., 2025) reforçam que ambientes digitais e redes de apoio institucionais são fundamentais para estimular a participação feminina no empreendedorismo, potenciando a inovação, a adaptabilidade e o impacto económico.

O empreendedorismo feminino pode ser entendido como o envolvimento de mulheres na criação e gestão de negócios próprios, assumindo riscos e superando os desafios de ambientes económicos incertos. Neste contexto, a figura da empreendedora é frequentemente associada à resiliência, criatividade e dinamismo. (Feria Hernández et al., 2024) demonstra que a resiliência é uma competência central no sucesso de empreendimentos liderados por mulheres, permitindo-lhes conciliar responsabilidades familiares, sociais e profissionais, enquanto promovem a sustentabilidade dos seus negócios.

A literatura aponta o empreendedorismo feminino como uma estratégia relevante para a promoção da criação de novos empreendimentos e para a dinamização da economia local e nacional, como sublinham (Góis & Banha, 2023) no seu estudo sobre a realidade empresarial no sul de Portugal. Para além disso, estudos recentes reforçam a crescente relevância da mulher no contexto económico, evidenciando a sua capacidade de identificar oportunidades, mobilizar competências criativas e gerir riscos com eficiência (Machado et al., 2025). Complementarmente, os mesmos autores (Góis & Banha, 2023) observam que características como empatia, colaboração, resiliência e abertura à aprendizagem estão frequentemente presentes entre mulheres empreendedoras, contribuindo para a solidez e inovação dos seus negócios.

No que se refere ao perfil sociodemográfico, (Ayinaddis, 2023), num estudo realizado na Etiópia junto de micro e pequenas empresas, verifica que a maioria das empreendedoras encontra-se entre os 35 e os 50 anos, são casadas e têm filhos. Além disso,

muitas iniciam atividades com recursos próprios, em setores onde já possuem experiência prévia e geralmente ao nível de microempresas.

Em relação às predisposições empreendedoras, (Hamilton & Woolley, 2022) num estudo colaborativo em conferência internacional, identificam que traços como intuição, criatividade, pensamento sistémico e orientação para a inovação são expressões espontâneas de competências essenciais. Estas não só reforçam a eficácia da atuação feminina no empreendedorismo, como também promovem diversidade na gestão e sustentabilidade organizacional.

Perspetivas de Género no Empreendedorismo: Evidências, Desafios e Tendências Atuais

A interseção entre género e empreendedorismo tem-se consolidado como um campo relevante das ciências sociais e económicas, ao evidenciar como normas, expectativas e papéis sociais moldam o envolvimento de mulheres e homens nas atividades empreendedoras (Brush, 2013); (Ahl & Marlow, 2021). Embora o empreendedorismo seja amplamente reconhecido como motor de crescimento económico, persistem desigualdades de género no acesso a recursos, oportunidades e condições de entrada nos ecossistemas empresariais, (Henry et al., 2015); (Marlow & Mcadam, 2015).

Entre os constructos mais estudados neste domínio destaca-se a orientação empreendedora (*Entrepreneurial Orientation* – EO), cuja relação com o desempenho empresarial tem sido amplamente validada. Estudos recentes indicam que, embora homens e mulheres possam apresentar níveis semelhantes de EO, fatores contextuais e perceções de risco afetam de forma diferenciada a sua expressão comportamental (Bapoo et al., 2022). Adicionalmente, evidências empíricas revelam que as mulheres continuam a enfrentar um ambiente menos favorável à identificação e exploração de oportunidades, em parte devido à menor perceção de apoio institucional e à limitada autoeficácia (Elam, 2021); (Abdelwahed, 2023). Barreiras estruturais, como o acesso restrito a financiamento, redes de contacto limitadas e a divisão desigual do trabalho doméstico, comprometem o desenvolvimento pleno do potencial empreendedor feminino (Brush, Greene, Balachandra, & Davis, 2017; Abbasianchavari & Moritz, 2021).

Paralelamente, fatores socioculturais, como normas de género e estereótipos persistentes, influenciam significativamente a forma como a identidade empreendedora feminina é construída e percecionada (Çelikkol et al., 2019); (Welter & Smallbone, 2011). Apesar dos avanços observados nas últimas décadas, a paridade de género no empreendedorismo permanece um desafio, uma vez que o crescimento da presença feminina em cargos de liderança ainda não se reflete proporcionalmente na taxa de criação de novos negócios (OECD, 2021).

No contexto português e europeu, observa-se uma tendência crescente de mulheres iniciarem os seus negócios numa fase mais tardia da vida, geralmente entre os 35 e os 55 anos, após o cumprimento de responsabilidades familiares. Estudos como o de (Bernardino et al., 2018) demonstram que muitas dessas empreendedoras procuram maior autonomia

e flexibilidade, motivadas pelo desejo de “ser donas do seu tempo” e de reconfigurar as suas trajetórias profissionais.

A literatura distingue duas categorias principais de motivações empreendedoras: os fatores de necessidade (*push*), como o desemprego, a insatisfação profissional ou as dificuldades de conciliação entre vida familiar e laboral, e os fatores de oportunidade (*pull*), que incluem a autorrealização, a independência e a valorização pessoal (Ferrín, 2023); (GEM, 2021). No caso português, as motivações *pull* tendem a prevalecer, sendo a realização pessoal e o desejo de autonomia profissional apontados como os principais impulsionadores da decisão de empreender (Bernardino et al., 2018); (European Institute for Gender Equality, 2021).

Motivações e obstáculos enfrentados por mulheres empreendedoras

As motivações que impulsionam as mulheres a empreender constituem um dos eixos centrais da investigação sobre o empreendedorismo feminino (EF). (Góis & Banha, 2023) observam que homens e mulheres, embora inseridos no mesmo ambiente económico, tendem a adotar o empreendedorismo por razões distintas, revelando padrões diferenciados de comportamento e decisão. A literatura identifica, entre os principais fatores motivacionais para as mulheres, o desejo de autorrealização, a autonomia financeira e a exploração de oportunidades no mercado (Baggio & Baggio, 2014); (Lima & Nassif, 2016).

Estudos mais recentes destacam motivações relacionadas com a estagnação profissional, a necessidade de subsistência e a procura por rendimentos mais elevados como determinantes no processo empreendedor feminino (Deng et al., 2024), e (Hossain & Islam, 2024). Estes autores sublinham que, embora muitas mulheres empreendam por oportunidade, uma parcela significativa recorre ao empreendedorismo como resposta a contextos de precariedade ou exclusão no mercado de trabalho tradicional. (Hossain & Islam, 2024) acrescentam que a motivação empreendedora feminina é, em muitos casos, moldada por valores de cariz individualista, influenciando atitudes, experiências profissionais e prioridades pessoais.

A necessidade de conciliar vida pessoal e profissional é amplamente reconhecida como uma das razões pelas quais o empreendedorismo se apresenta como alternativa flexível e compatível com as responsabilidades familiares, (Deng et al., 2024); (Machado et al., 2025). Os mesmos autores defendem que as motivações femininas incluem fatores económicos, perceção de oportunidades e desejo de autonomia, aspetos também observados entre os homens. No entanto, (Góis & Banha, 2023) identificam uma particularidade no contexto português, muitas mulheres iniciam os seus negócios numa fase mais tardia da vida, frequentemente após cumprirem responsabilidades familiares, situando-se sobretudo entre os 35 e os 55 anos. Essa decisão está frequentemente associada a fatores de atração pessoal e autonomia, com destaque para motivações de tipo “pull”, como o desejo de autorrealização, desenvolvimento pessoal e liberdade. (Dean et al., 2019), distinguem entre motivações “push” e “pull” no empreendedorismo feminino. As primeiras

referem-se a pressões externas, como a necessidade de emprego, insatisfação profissional ou reconciliação entre trabalho e família. As segundas, mais predominantes entre as mulheres empreendedoras em contextos desenvolvidos, incluem fatores como autonomia, status e satisfação pessoal.

A influência de modelos de referência, ou *role models*, continua a ser amplamente reconhecida como um fator relevante na decisão de empreender. (Góis & Banha, 2023) salientam que, no contexto português, figuras próximas, como o pai ou outras referências familiares, continuam a exercer um papel inspirador, especialmente quando há identificação de género ou partilha de experiências profissionais. Por outro lado, estudos recentes como o de (Vuciterna et al., 2024), demonstram que variáveis, tais como idade, escolaridade, profissão ou rendimento – não têm impacto determinante na decisão de empreender entre mulheres. Em vez disso, fatores relacionados com a autoeficácia, o suporte social e o contexto sociocultural revelam-se significativamente mais influentes. Corroborando esta visão, (Dean et al., 2019) argumentam que características pessoais e motivacionais, como o empoderamento e a visão de impacto, são mais decisivas do que fatores sociodemográficos.

Complementarmente, (Góis & Banha, 2023), apontam que muitas mulheres veem no empreendedorismo uma oportunidade de reconfigurar suas trajetórias pessoais, motivadas por fatores como insatisfação profissional, desejo de mudança ou situações de desemprego. No entanto, as autoras também identificam traços como elevada emocionalidade e excesso de confiança nos outros como obstáculos à consolidação de percursos empresariais em determinados contextos. De acordo com o IFDEP (2014), a falta de autoconfiança representa um entrave relevante, gerando hesitação na assunção de riscos e responsabilidades, o que limita o desenvolvimento do espírito empreendedor.

Entre os principais obstáculos identificados estão a carência de conhecimento, dificuldades financeiras, medo do fracasso e a perceção de inadequação ao perfil empreendedor. Outros fatores, como a preferência por emprego assalariado, ausência de ideia de negócio, burocracia e falta de apoio técnico, apresentaram menor relevância. Ainda assim, a realização pessoal foi apontada por 63,13% das entrevistadas como a principal motivação para empreender.

As barreiras estruturais enfrentadas pelas mulheres empreendedoras são amplamente documentadas na literatura contemporânea. (Behr & Xi, 2025), do World Bank, realizam uma revisão sistemática sobre o “Gender Gap in Entrepreneurship” e destacam o acesso ao financiamento, ambiente regulatório e políticas institucionais como obstáculos fundamentais, persistindo em diversos níveis (legal, económico e cultural). Para (Sena et al., 2012), essas dificuldades financeiras estão diretamente associadas à discriminação de género. A Comissão Europeia (2014) também reconhece a limitação no acesso a recursos financeiros como um dos principais entraves ao empreendedorismo feminino.

O IFDEP (2014) acrescenta à lista de constrangimentos fatores como a conjuntura económica desfavorável, elevada carga fiscal, morosidade burocrática, desinformação, falta de formação, aversão ao risco e discriminação. O relatório do *Global Entrepreneurship*

Monitor (GEM, 2013) salienta que, apesar dos altos níveis de qualificação entre as mulheres, estas continuam a concentrar-se em setores como comércio e serviços, os quais oferecem menor exigência de capital inicial e menor acesso a posições de liderança. Tal concentração é atribuída à escassez de financiamento, ausência de políticas de apoio específicas e dificuldades no acesso ao crédito.

Apesar do impacto de fatores contextuais e psicológicos, o medo do fracasso ainda se revela mais prevalente entre mulheres, atuando como um inibidor da ação empreendedora (Mahendran et al., 2025). Além disso, estudos recentes demonstram que o ambiente de negócios é percebido por muitas como mais adverso, o que leva à antecipação de obstáculos no início dos projetos (Färber, 2021). Como resposta, é comum a adoção de estratégias de autofinanciamento, com a utilização de recursos próprios, visando preservar a autonomia e contornar as barreiras institucionais (Pavlova & Gvetadze, 2023). Heilman (1983) aponta que o medo do fracasso tende a ser mais intenso entre mulheres. De forma complementar, (Kepler & Shane, 2007) observam que o ambiente de negócios é frequentemente percebido por elas como mais hostil. Já (Carter, 2006) sugerem que, embora apresentem maior aversão ao risco, as mulheres demonstram maior propensão a financiar os próprios projetos, evitando recorrer a apoios externos. As competências empreendedoras não se limitam à experiência acumulada, mas englobam um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes desenvolvidos no exercício das atividades empresariais (Singh et al., 2023).

De acordo com (Crespí et al., 2022), as competências empreendedoras integram-se em três domínios essenciais: conhecimento, habilidades operacionais e de gestão, e atitudes/disposições pessoais. Esses domínios são fundamentais para a capacidade das mulheres assumirem a responsabilidade económica familiar, enfrentando desafios com pensamento adaptativo, autonomia e resiliência (Bacigalupo et al., 2016), reforçam esta tripartição, definindo competências como uma combinação integrada de saber (*know-why/know-what*), saber fazer (*know-how*) e querer fazer (*personal and social attributes*), cruciais para o desempenho empreendedor e para transformar oportunidades em ação adicionam outra perspectiva, demonstrando que estas competências, sobretudo autoconsciência, proatividade e capacidade de adaptação (querer fazer), estão mais fortemente associadas ao sucesso empreendedor feminino do que fatores demográficos ou técnicos.

Metodologia

Este estudo adota o delineamento de uma revisão sistemática da literatura, seguindo as diretrizes do protocolo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses), com o objetivo de assegurar rigor metodológico, transparência e replicabilidade. A recolha de dados foi realizada em bases de dados de ampla relevância académica e científica, incluindo Web of Science, Scopus, ScienceDirect, Google Scholar e RCAAP (Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal). Para a identificação dos estudos, utilizaram-se combinações de palavras-chave em português e inglês, tais como:

“empreendedorismo feminino” AND Portugal, “female entrepreneurship” AND Portugal e “women entrepreneurs” AND Portugal.

Foram definidos critérios explícitos de inclusão e exclusão. Foram incluídos artigos revisados por pares, publicados entre 2000 e 2024, em português ou inglês, com foco no empreendedorismo feminino em Portugal. Foram excluídos documentos institucionais, teses, dissertações, capítulos de livros, resumos de congressos e estudos sem acesso integral ou sem relação direta com o contexto português.

O processo de seleção e análise dos estudos foi realizado em três etapas: (i) triagem inicial por título e resumo; (ii) leitura integral dos artigos elegíveis; e (iii) extração de dados mediante formulário padronizado contemplando autores, ano de publicação, objetivos, métodos, principais resultados e lacunas identificadas.

A análise dos dados obtidos seguiu a técnica de análise de conteúdo, possibilitando a construção de categorias analíticas em consonância com recomendações de revisões sistemáticas anteriores (Galvão et al., 2018; Ferrari & de Vasconcellos, 2024). Anteciparam-se quatro eixos centrais para a categorização dos dados encontrados e relevantes para a sustentação deste estudo:

- Barreiras estruturais e culturais;
- Políticas públicas e programas de apoio;
- Impacto social (emprego, desenvolvimento comunitário e transformação cultural);
- Potencialidades e redes de colaboração.

Essa categorização permitirá comparações com outros contextos internacionais e a identificação de lacunas específicas do caso português.

Conclusão

O empreendedorismo feminino em Portugal revela-se um fenómeno de elevada relevância económica e social, ainda que enfrente barreiras estruturais persistentes. Não obstante esses desafios, observa-se um potencial expressivo de impacto social que se manifesta em três dimensões centrais: no plano económico, pela geração de emprego e promoção da autonomia financeira; no plano comunitário, pelo fortalecimento do capital social e dinamização do desenvolvimento local; e no plano cultural, pela transformação dos papéis de género e pela promoção da equidade.

Do ponto de vista académico, este estudo contribui ao mapear sistematicamente a literatura existente, identificar lacunas e propor uma agenda de investigação futura. Entre os caminhos possíveis destacam-se a realização de estudos longitudinais sobre a sustentabilidade dos negócios femininos em Portugal, a análise aprofundada do papel das políticas públicas e dos programas de incentivo, a exploração de novos setores emergentes como a tecnologia e a economia digital e, ainda, a investigação do potencial das redes digitais enquanto mecanismos de internacionalização e inovação.

Do ponto de vista prático, os resultados obtidos fornecem subsídios valiosos para a formulação de políticas públicas e estratégias institucionais mais eficazes, capazes de mitigar os constrangimentos ainda existentes. O reforço do empreendedorismo feminino

não se configura apenas como uma meta de justiça social, mas como um vetor estratégico de desenvolvimento sustentável, inovação social e coesão comunitária, reforçando o seu papel central no progresso económico e social do país.

Resultados e Discussão

A análise dos resultados, à luz da revisão da literatura, evidencia que o empreendedorismo feminino em Portugal se caracteriza pela coexistência de desafios persistentes e potencialidades em expansão. Verifica-se que as barreiras estruturais e culturais continuam a constituir um obstáculo central, traduzindo-se no difícil acesso ao financiamento (Sena et al., 2012; Pavlova & Gvetadze, 2023), na persistência de estereótipos de género (Çelikkol et al., 2019), na escassez de redes de apoio, e na dificuldade em conciliar vida pessoal e profissional (Deng et al., 2024). Estes entraves refletem a necessidade de medidas estruturais que facilitem a inserção e a continuidade das mulheres no tecido empreendedor português.

No plano das políticas públicas e dos programas de apoio, os dados indicam avanços em iniciativas de incubação, mentoria e suporte governamental. Contudo, tal como salientam estudos recentes (OECD, 2021; Veiga et al., 2025), a eficácia destas ações continua limitada pela falta de políticas ajustadas às especificidades dos negócios liderados por mulheres, revelando um espaço significativo para o aperfeiçoamento das estratégias públicas de promoção do empreendedorismo feminino.

Paralelamente, observa-se que o empreendedorismo feminino contribui de forma expressiva para a geração de empregos, para o desenvolvimento comunitário e para a promoção de práticas empresariais mais inclusivas e sustentáveis (Corrêa et al., 2022; Ojong et al., 2021). Em Portugal, este contributo é particularmente visível no domínio da inovação social e na dinamização da economia local, onde as empreendedoras assumem um papel estratégico (Góis & Banha, 2023).

As potencialidades identificadas incluem competências frequentemente associadas às mulheres empreendedoras, como a resiliência, empatia e criatividade (Feria Hernández et al., 2024), bem como a crescente relevância das redes digitais e colaborativas como suporte estratégico para a consolidação e expansão dos seus negócios (Huang et al., 2025).

Por fim, a comparação internacional evidencia que, enquanto em países em desenvolvimento predominam motivações de necessidade (push), em Portugal prevalecem motivações de oportunidade (pull), nomeadamente autonomia e autorrealização (Bernardino et al., 2018; European Institute for Gender Equality, 2021), confirmando um quadro de empreendedorismo mais orientado para o aproveitamento de oportunidades do que para a resposta a necessidades imediatas.

Referências

Abbasiachavari, A., & Moritz, A. (2021). The impact of role models on entrepreneurial intentions and behavior: a review of the literature. Em *Management Review Quarterly* (Vol. 71, Número 1). Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/s11301-019-00179-0>

- Abdelwahed, N. A. A. (2023). Effect of institutional support and entrepreneurial knowledge on women's entrepreneurial self-efficacy and venture performance in a developing country. *International Journal of Innovation Science*, 15(5), 776–798. <https://doi.org/10.1108/IJIS-12-2021-0218>
- Ahl, H., & Marlow, S. (2021). Exploring the false promise of entrepreneurship through a postfeminist critique of the enterprise policy discourse in Sweden and the UK. *Human Relations*, 74(1), 41–68. <https://doi.org/10.1177/0018726719848480>
- Akybayeva, G., Mussabekova, A., Mambetova, S., Ayaganova, M., & Koitanova, A. (2024). The Impact of Female Entrepreneurship on Economic Growth in Developing and Developed Economies. *ECONOMICS - Innovative and Economics Research Journal*, 12(2), 145–162. <https://doi.org/10.2478/eoik-2024-0016>
- Al-Qahtani, M., Fekih Zguir, M., Ari, I., & Koç, M. (2022). Female Entrepreneurship for Sustainable Economy and Development—Challenges, Drivers, and Suggested Policies for Resource-Rich Countries. *Sustainability (Switzerland)*, 14(20). <https://doi.org/10.3390/su142013412>
- Amini, A., Hoseini, SS, Haqbin, A. e Shahin, V. (2024). Em direção ao reconhecimento das características da inteligência empreendedora das mulheres: um estudo comparativo. *International Journal of Innovation Science*, 16, 683-708. <https://doi.org/doi.org/10.1108/IJIS-07-2022-0128>
- Ayinaddis, S. G. (2023). Socio-economic factors affecting women's entrepreneurial performance in MSEs in Bahir Dar City, Ethiopia. *Journal of Innovation and Entrepreneurship*, 12(1). <https://doi.org/10.1186/s13731-023-00289-w>
- Bacigalupo, M., Kamylyis, P., Punie, Y., & Van den Brande, G. (2016). EntreComp: The Entrepreneurship Competence Framework. Em *Kooperation-International*. <https://doi.org/10.2791/593884>
- Baggio, A. F., & Baggio, D. K. (2014). Empreendedorismo: Conceitos e Definições. *Revista de Empreendedorismo Inovação e Tecnologia*.
- Bapoo, M. A., Tehseen, S., Haider, S. A., Yusof, M., & Motaghi, H. (2022). Sustainability Orientation and Sustainable Entrepreneurship Intention: the Mediating Role of Entrepreneurial Opportunity Recognition. *Academy of Entrepreneurship Journal*, 28(2), 1–23.
- Behr, D. M., & Xi, Y. (2025). *Closing the Gender Gap in Entrepreneurship : Overcoming Challenges in Law and Practice for Female Entrepreneurs*.
- Bernardino, S., Santos, J. F., & Cardoso, C. (2018). Empreender no feminino em Portugal: Motivações e obstáculos system. *European Journal of Applied Business Management*, 4(1), 101–117.
- Braun, S. T., & Stuhler, J. (2023). Exposure to War and its Labor Market Consequences Over the Life Cycle. *SSRN Electronic Journal*, 16040. <https://doi.org/10.2139/ssrn.4406588>
- Brush, C. G., Greene, P. G., Balachandra, L., & Davis, A. E. (2018). The gender gap in venture capital: Progress, problems, and perspectives. *Venture Capital*, 20(2), 115–136. <https://doi.org/10.1080/13691066.2017.1349266>
- Carter, S. (2006). Women's business. *Australian family physician*, 23(1), 40–44.
- Çelikkol, M., Kitapçı, H., & Döven, G. (2019). Culture's impact on entrepreneurship & interaction effect of economic development level: An 81 country study. *Journal of Business Economics and Management*, 20(4), 777–797. <https://doi.org/10.3846/jbem.2019.10180>
- Crespí, P., Queiruga-Dios, M., & Queiruga-Dios, A. (2022). The Challenge of Developing Entrepreneurial Competence in the University Using the Project-Oriented Learning Methodology. *Frontiers in Psychology*, 13(July), 1–9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.966064>
- Corrêa, V. S., Brito, F. R. D. S., Lima, R. M. D., & Queiroz, M. M. (2022). Female entrepreneurship in emerging and developing countries: a systematic literature review. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 14(3), 300–322.
- Dean, H., Larsen, G., Ford, J., & Akram, M. (2019). Female Entrepreneurship and the Metanarrative of Economic Growth: A Critical Review of Underlying Assumptions. *International Journal of Management Reviews*, 21(1), 24–49. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12173>
- Deng, W., Orbes, I., & Ma, P. (2024). Necessity- and opportunity-based female entrepreneurship across countries: The configurational impact of country-level institutions. *Journal of International Management*, 30(4), 101160. <https://doi.org/10.1016/j.intman.2024.101160>
- Elam, A. B. (2021). *GEM 2021 / 22 Women 's Entrepreneurship Report From Crisis to Opportunity*. December. European Institute for Gender Equality. (2021). *European Institute for Gender Equality Entrepreneurship – Gender Mainstreaming*.
- Färber, M. (2021). *Are Investors Biased Against Women? Analyzing How Gender Affects Startup Funding in Europe*. January. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2112.00859>
- Feria Hernández, M. D., Suysuy Chambergo, E. J., Valdiviezo Sir, V. M., Flores Castillo, M. M., López Cuadra, Y. M., Contreras Portocarrero, J. del P., Gómez Zúñiga, C. P. L., & Ramos Farroñán, E. V. (2024). Resilience as a Key Factor in the Success of Women-Led Entrepreneurship: A Systematic Literature Review. *Journal of Educational and Social Research*, 14(3), 182–194. <https://doi.org/10.36941/jesr-2024-0065>
- Ferrari, S., & de Vasconcellos, S. (2024). Exploring the affordable loss principle: A systematic literature review. *Interxet*, 19(2).

- Ferrín, M. (2023). Self-Employed Women in Europe: Lack of Opportunity or Forced by Necessity? *Work, Employment and Society*, 37(3), 625–644. <https://doi.org/10.1177/09500170211035316>
- Galvão, A., Ferreira, J. J., & Marques, C. (2018). Entrepreneurship education and training as facilitators of regional development: A systematic literature review. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 25(1), 17–40.
- GEM. (2021). *Women's Report : Thriving through Crisis*. November.
- Góis, B., & Banha, F. (2023). Women Entrepreneurs in Algarve: a case study. *European Journal of Applied Business and Management*, 9(4), 1–20. [https://doi.org/10.58869/ejabm9\(4\)/01](https://doi.org/10.58869/ejabm9(4)/01)
- Hamilton, C., & Woolley, J. L. (2022). *Female Perspectives on Entrepreneurship and Research How diverse perspectives inspire creativity, drive innovation, and encourage inclusive economic growth*. January 2022, 1–44. <https://commons.library.stonybrook.edu/techsoc-articles>
- Henry, C., Foss, L., & Ahl, H. (2015). Pesquisa sobre gênero e empreendedorismo: uma revisão de abordagens metodológicas. *International Small Business Journal: Researching Entrepreneurship*, 34(3), 217–241. <https://doi.org/10.1177/0266242614549779>
- Hossain, M. S., & Islam, M. A. (2024). Women entrepreneurship: The role of education, national culture, and various supports. *International Journal of Business and Emerging Markets*, 16(3). <https://doi.org/10.1504/ijbem.2024.10062412>
- Huang, Y., Zhang, J., Xu, Y., Yuan, Y., Zhang, M., & Huang, L. (2025). Digital entrepreneurial ecosystem and female entrepreneurial activity. *Humanities and Social Sciences Communications*, 12(1), 1–13. <https://doi.org/10.1057/s41599-024-04345-y>
- IFDEP – Instituto para o Fomento e Desenvolvimento do Empreendedorismo em Portugal. (2014). *Empreendedorismo feminino – Um olhar sobre Portugal* [Relatório]. IFDEP. https://www.ifdep.pt/assets/empreendedorismo-feminino-versao_web.pdf
- INE. (2023). *Instituto Nacional de Estatística. Mulheres e Homens em Portugal: Indicadores Sociais*.
- Kepler, E., & Shane, S. (2007). Are male and female entrepreneurs really that different? *Women's Business Ownership in the 21st Century*, September, 85–142.
- Lima, L. G. de, & Nassif, V. M. J. (2016). Capital psicológico e comportamento empreendedor sob uma análise da trajetória de mulheres empreendedoras. *Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo*, 2(1), 183–206.
- Machado, D., Correia, A., Braga, A., Salamzadeh, A., & Braga, V. (2025). Business Innovation and Internationalisation in Female-Owned Businesses: A Fuzzy-set QCA Approach. *Journal of the Knowledge Economy*, 0123456789. <https://doi.org/10.1007/s13132-024-02344-7>
- Mahendran, S., Rahman, R. A., & Aishah, R. S. (2025). Gender Differences in Entrepreneurial Intention and Fear of Failure among Public University Students. *International Journal of Academic Research in Progressive Education and Development*, 14(1), 854–865. <https://doi.org/10.6007/ijarped/v14-i1/24583>
- Marlow, S., & Mcadam, M. (2015). Incubation or Induction? Gendered Identity Work in the Context of Technology Business Incubation. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 39(4), 791–816. <https://doi.org/10.1111/etap.12062>
- Martins, I., Nunez, M. A., Perez, J. P., & Villanueva, E. (2024). Scrutinizing informal female entrepreneurship: a systematic review and research agenda. *Journal of Small Business and Enterprise Development*. [10.1108/JSBED-03-2024-0165](https://doi.org/10.1108/JSBED-03-2024-0165)
- Muntean, S. C., & Ozkazanc-Pan, B. (2015). A Gender integrative conceptualization of entrepreneurship. *New England Journal of Entrepreneurship*, 18(1), 27–40. <https://doi.org/10.1108/NEJE-18-01-2015-B002>
- OECD. (2021). *The Missing Entrepreneurs 2021: Policies for inclusive entrepreneurship and self-employment*. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/71b7a9bb-em>
- Ojong, N., Simba, A., & Dana, L. P. (2021). Female entrepreneurship in Africa: A review, trends, and future research directions. *Journal of Business Research*, 132, 233–248.
- Pavlova, E., & Gvetadze, S. (2023). *Female access to finance: a survey of literature*. https://www.eif.org/news_centre/publications/eif_working_paper_2023_87.pdf
- Ratten, V., & Jones, P. (2021). Entrepreneurship and management education: Exploring trends and gaps. *International Journal of Management Education*, 19(1), 100431. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2020.100431>
- Sena, V., Scott, J., & Roper, S. (2012). Gender, borrowing patterns and self-employment: Some evidence for England. *Small Business Economics*, 38(4), 467–480. <https://doi.org/10.1007/s11187-010-9272-9>
- Sindhvani, S., & Dhawan, A. (2021). Are Opportunity and Necessity Based Women Entrepreneurs any Different? *Multidisciplinary Business Review*, 14(1), 108–119. <https://doi.org/10.35692/07183992.14.1.10>
- Singh, N., Kovid, R. K., & Kumar, A. (2023). *Investigating the Impact of Women Entrepreneurs' Competencies on Firm Performance in an Emerging Economy*. <https://doi.org/10.51245/rijbr.v8i1.2023.1196>

- Veiga, H. M. S., Miziara, O. P. P., Melo, K. B., Borges, A. C. M., & Oliveira-Silva, L. C. (2025). Mentoring for women's entrepreneurship: A review through intersectional and decolonial lenses. *Feminism & Psychology*. <https://doi.org/10.1177/09593535251342052>
- Vuciterna, R., Ruggeri, G., Mazzocchi, C., Manzella, S., & Corsi, S. (2024). Women's entrepreneurial journey in developed and developing countries: a bibliometric review. *Agricultural and Food Economics*, 12(1). <https://doi.org/10.1186/s40100-024-00331-9>
- Welter, F., & Smallbone, D. (2011). Institutional perspectives on entrepreneurial behavior in challenging environments. *Entrepreneurship and Context*, 49(1), 107–125. <https://doi.org/10.4337/9781788119474.00017>